



**A COMUNICAÇÃO SUSTENTÁVEL NO CENTRO DAS ATENÇÕES:
A CERIMÔNIA DE ABERTURA DA OLIMPÍADA RIO 2016**

**SUSTAINABILITY COMMUNICATION IN THE SPOTLIGHT:
THE OPENING CEREMONY OF THE RIO 2016 OLYMPICS**

Maria do Socorro Furtado Veloso¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Lucas Rodrigues Felix²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

A cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2016 apresentou a sustentabilidade como um de seus temas mais destacados. Este artigo averigua como a pauta sustentável guiou toda a organização da Olimpíada do Rio de Janeiro, observando os discursos e ações realizados pelos organizadores desde a candidatura da cidade perante o Comitê Olímpico Internacional (COI) até o encerramento das competições da primeira edição olímpica realizada na América do Sul. A investigação também contempla a repercussão da festa no Maracanã como produto comunicacional na mídia impressa, digital e televisiva, tanto no Brasil quanto no exterior. O espetáculo inaugural apresentado no estádio carioca é analisado para a observação de sua adequação aos conceitos esperados para uma efetiva comunicação sustentável.

Palavras-chave: Comunicação sustentável; Jogos Olímpicos; Rio 2016; Cerimônia de abertura; Mídia.

Abstract

The opening ceremony of the 2016 Summer Olympics featured sustainability as one of its most prominent themes. This article investigates how the sustainable agenda guided the entire organization of the Rio de Janeiro Olympics, observing the speeches and actions carried out by the organizers since the city's application before the International Olympic Committee (IOC) until the end of the competitions of the first Olympic edition held in South America. The investigation also considers the repercussion of the party at Maracanã as a communication product in print, digital and television media, both in Brazil and internationally. The inaugural show is analyzed to observe its adequacy to the concepts expected for effective sustainable communication.

¹ Professora associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É jornalista formada pela Universidade Federal do Pará (1995), mestre em Multimeios pela Unicamp (2001) e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP (2008).

² Doutorando e mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), instituição em que também cursou as graduações em Jornalismo e Audiovisual. Especialista em Comunicação Digital e Comunicação e Marketing Esportivo pela Universidade Potiguar (UnP)



Keywords: Sustainability communication; Olympics; Rio 2016; Opening ceremony; Media.

1 INTRODUÇÃO

Desde a campanha vitoriosa para que a América do Sul recebesse uma Olimpíada pela primeira vez, a sustentabilidade foi um ponto central da candidatura do Rio de Janeiro para receber os Jogos. Ao longo dos sete anos que separaram o anúncio feito pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em Copenhague da cerimônia de abertura realizada no estádio do Maracanã, diversos outros elementos da comunicação da Rio 2016 foram sendo inspirados na diversidade da natureza, como a logomarca da edição, a identidade das mascotes e o trajeto da chama olímpica pelo país. Dentro do universo olímpico, que Payne (2006, p. 297) relata possuir o meio ambiente como um de seus três pilares, ao lado do esporte e da cultura, o tratamento da sustentabilidade pelos organizadores é acompanhado de maneira especial.

Com sua abordagem sustentável, o COI acompanhou um processo que atingiu os mais diferentes campos midiáticos ao longo das décadas finais do século XX e do início do século XXI. Nesse período, conforme Costa (2005, p. 148), a temática ambiental passou a ser legitimada como prioritária diante da palpabilidade da deterioração da natureza ao redor do globo. Com a gravidade do cenário, Leff (2006, p. 136) pontua que o meio ambiente deixou de ser um recurso midiático meramente eventual para tomar protagonismo na articulação de diferentes fontes de conhecimento. Rubio (2001) recorda ainda que o COI possui numerosos acordos comerciais com empresas de variados segmentos, sendo elas praticantes de constantes pressões sobre a entidade.

Entre os elementos comunicacionais que mais podem ser conectados com a temática ambiental, Bueno (2007, p. 35) destaca a cultura. A relação entre esses pontos foi especialmente proporcionada no estádio do Maracanã na noite de 5 de agosto de 2016, quando o Rio de Janeiro serviu para aquele que Payne (2006, p. 202) vê como o mais global dos palcos: uma abertura olímpica. Este artigo reconta cada segmento de cerimônia, observando a repercussão da festa em alguns dos principais veículos de comunicação no país e no exterior e a análise sobre o papel da sustentabilidade na



narrativa do evento, realizando um estudo de caso, metodologia exaltada por Yin (2001) pela sua possibilidade de compreensão dos fenômenos organizacionais e políticos, permitindo o conhecimento amplo e detalhado sobre um objeto.

Bourdieu (1997, p. 125) lembra que as competições esportivas são produzidas e transmitidas sob medida diante as preferências de cada país ao longo da Olimpíada. Desse modo, apenas a cerimônia inaugural dos Jogos consegue congrega todo o planeta na mesma mensagem antes que as nações passem a priorizar os seus próprios medalhistas, fazendo com que a sua importância transcenda o esporte.

2 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM SUSTENTÁVEL ANTES DOS JOGOS

O Comitê formado em torno da aspiração do Rio de Janeiro revisitou pontos fracos das candidaturas anteriores durante o planejamento da campanha olímpica da cidade pelos Jogos de 2016, buscando mostrar garantias sobre a união dos representantes brasileiros, bem como reforçar o apoio da população local ao projeto. O então presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou pessoalmente da campanha, que incluiu a sua presença em Pequim para a Olimpíada de 2008. O dossiê da candidatura apresentado pelo Comitê (2009, p. 84) ao COI dedicou um capítulo inteiro aos temas ambientais e meteorológicos, destacando o potencial natural brasileiro e elencando a diversidade de ecossistemas e o pioneirismo na massificação das energias renováveis. Sobre o Rio de Janeiro, o texto do Comitê (2009, p. 86) exalta o seu extenso litoral e a grande cobertura florestal da capital fluminense. O texto diz ainda que “a natureza não é somente parte do Rio de Janeiro, ela é a própria cidade”. Há também o destaque de que o período previsto e posteriormente confirmado para a realização dos Jogos, em agosto, habitualmente possui previsão de menor impacto de vendavais e temporais na cidade. Tais condições eram esportivamente relevantes para as disputas de canoagem, remo e vela. Entre os compromissos assumidos pela organização, estavam a neutralidade das emissões de carbono, a boa qualidade do ar e a responsabilidade na gestão dos resíduos sólidos.



Diante de seguidas derrotas do Brasil em votações anteriores para a escolha da cidade olímpica, com as investidas por Brasília em 2000 e pelo próprio Rio de Janeiro em 2004 e 2012, a vitória carioca não era vista como certa na manhã de 2 de outubro de 2009. Entre os investimentos feitos, uma ilha de edição chegou a ser montada pela delegação do país no hotel de Copenhague em que a equipe organizava as peças que seriam mostradas durante a sessão do COI. Os vídeos apresentados destacaram a sintonia entre o esporte, a cultura e a cidade. Uma das produções, ao som de Cidade Maravilhosa, mostrou a prática de diversas modalidades em áreas abertas do município³.

Diante da dúvida sobre o sucesso da empreitada, o país acompanhou o processo atentamente pela televisão e demais meios de comunicação. Entre os momentos transmitidos, esteve o discurso do discurso do presidente Lula aos delegados do COI, em que o povo brasileiro foi classificado como apaixonado pelo esporte e pela vida. Em sua fala, ele reforçou a necessidade de que fosse revista a exclusão até então imposta aos sul-americanos da lista de sedes olímpicas. Após o Rio superar Madri por 66 votos a 32 na rodada final da votação, Lula se emocionou em uma entrevista coletiva realizada em Copenhague.

A paisagem natural carioca seguiu sendo um ponto central da Olimpíada de 2016, além da festa pela escolha da cidade como sede dos Jogos. A praia de Copacabana, por exemplo, foi a eleita para a revelação da logomarca oficial da Olimpíada. A divulgação ocorreu durante as comemorações para recepcionar a chegada do ano de 2011, com um bandeirão sendo estendido sobre o público presente. No dia seguinte, Dilma Rousseff foi empossada como sucessora de Lula em uma cerimônia de posse que contou com a presença de Jacques Rogge, então presidente do COI.

Na sequência da exibição realizada em Copacabana, as redes sociais do comitê organizador publicaram um vídeo em que a presença do esporte na rotina carioca foi

³ O clipe foi encerrado com a apresentação do slogan “viva essa paixão”, utilizado pelo Rio de Janeiro durante o processo de candidatura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wJAbKYkNiM>. Acesso em: 20 jul. 2024.



novamente ressaltada⁴. Na produção, a marca foi revelada com o Pão de Açúcar ao fundo. O complexo geológico inspirou as formas do desenho, produzido pela primeira vez na história olímpica de maneira tridimensional. Para Weissheimer (2013, p. 17), “o movimento, a beleza ideal e a intenção do convívio harmonioso entre todas as nações” estavam retratados no abraço com que a ilustração buscou abranger a coletividade. A paleta visual buscou ainda representar outros significados além da nacionalização do evento, evidenciada pelas cores da bandeira nacional. Campoy (2018, p. 79) destaca, entre outros pontos, “o amarelo do sol, do espírito caloroso e alegre; o azul do mar e da fluidez da água; e o verde das florestas e da esperança”.

Baseando-se na marca apresentada, Mello e Campoy (2017, p. 118) relatam que a tipografia dos Jogos do Rio foi desenvolvida pelo estúdio especializado Dalton Maag. A fonte buscou representar os movimentos dos atletas e das paisagens cariocas. A empresa foi a mesma responsável pelos pictogramas, termo que mistura origem grega e latina e equivale a “palavra pintada”. Os símbolos, utilizados desde os Jogos de 1964, representam visualmente os esportes disputados nas Olimpíadas. A forma das ilustrações foi inspirada no seixo, um fragmento de rocha ou minério de bordas arredondadas encontrado especialmente em margens de rios e cachoeiras.

Já as mascotes dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos foram apresentadas conjuntamente no final de 2014 em uma cerimônia no Ginásio Olímpico Experimental Juan Antonio Samaranch. O *design* dos personagens foi produzido pela agência paulista Birdo. O estúdio de animação trabalhou com base em diversas exigências, como a de que as figuras deveriam equilibrar a representação da cultura local com a possibilidade de serem compreendidas de forma universal.

Eles foram apresentados ainda sem nomes, sendo dadas as opções para que a dupla fosse respectivamente batizada como Oba e Eba, Tiba Tuque e Esquindim ou Vinicius e Tom. A opção vencedora em uma enquete realizada através da internet foi pela

⁴ Modalidades como ciclismo, tênis e judô foram destacadas no clipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UdmgHnqxyBo>. Acesso em: 20 jul. 2024.



homenagem aos compositores Vinicius de Moraes e Tom Jobim, escolhida por 44% do público. A revelação ocorreu ao vivo na TV Globo, no programa *Fantástico*.

Vinicius foi pensado para representar a fauna do Brasil, sem simbolizar de maneira destacada apenas uma espécie. Segundo Marques (2015, p. 123), uma das características dele era a audição apurada para identificar as torcidas mais animadas. Já Tom trouxe a flora do país em sua cabeleira, imaginada como um espaço de que ele poderia obter soluções. A dupla ainda se transformaria também em um desenho animado exibido pelo canal por assinatura *Cartoon Network*.

3 UMA CERIMÔNIA GUIADA PELA SUSTENTABILIDADE

O estádio do Maracanã reuniu milhares de pessoas, incluindo torcedores, atletas, artistas, chefes de Estado e jornalistas de todo o mundo na noite de 5 de agosto de 2016 para a cerimônia de abertura da 31ª Olimpíada da Era Moderna. Aos profissionais de imprensa, foi apresentado um guia de mídia do Comitê (2016) elaborado pelos desenvolvedores do ato inaugural dos Jogos. Luhmann (2005, p. 15) resume que “aquilo que sabemos sobre nossa sociedade, ou mesmo sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação”. A publicação foi oferecida como uma referência com orientações úteis para uma compreensão precisa do espetáculo. O livro trazia um embargo expresso para que as suas informações só fossem divulgadas ao público ao menos quarenta minutos após o início da festa, indicando ainda os momentos em que era sugerido o silêncio da equipe de transmissão para o caso das exibições televisivas. O texto dividiu a apresentação, que marcou o início oficial de uma Olimpíada que seria acompanhada por metade da população do planeta e por mais de 90% dos brasileiros, em vinte e três segmentos centrais.

A direção artística da cerimônia foi inteiramente realizada por brasileiros. Definidos no guia como “criadores”, os cineastas Andrucha Waddington, Daniela Thomas e Fernando Meirelles traçaram a concepção do evento de forma conjunta. Elaborado por eles, o guia do Comitê (2016, p. 7) destacou que “o Brasil, com a maior floresta e a maior reserva de biodiversidade do planeta, é o lugar certo para que essa mensagem seja passada”, referindo-se sobre a necessidade de replantar e recuperar o planeta.



O segmento batizado como “vídeo de abertura”, como indicado pelo nome, foi o primeiro momento oficial da cerimônia. Iniciado pontualmente às 8 da noite no horário de Brasília, o VT marcou a junção das transmissões em todo o mundo ao sinal da OBS (*Olympic Broadcasting Services*), empresa responsável pela produção e distribuição do sinal dos eventos olímpicos para as emissoras que adquirem os direitos de exibição junto ao COI.

Com um Maracanã ainda apenas parcialmente lotado, já que o esquema de segurança rigoroso a da cerimônia alongava as filas ao redor do estádio, o público que chegou mais cedo conferiu um clipe destacando a integração do esporte com paisagens cariocas, buscando imprimir a percepção de um modo de vida olímpico permanente no Rio de Janeiro. Para Rocha (2017, p. 171), “o que vemos é uma cidade aberta ao desfrute, na praia, no calçadão, nos paredões de pedra que convidam para uma escalada”.

As imagens aéreas foram acompanhadas sonoramente por Aquele Abraço, de Gilberto Gil, em uma interpretação de Luiz Melodia. Ilustrando os versos de que “o Rio de Janeiro continua lindo”, as praias e florestas cariocas foram alternadas com cenários urbanos, como uma pista de skate, demonstrando o contínuo movimento de uma megalópole em convivência com seu potencial natural. Na sequência, a continuidade também foi aplicada na condução audiovisual da transmissão, com a exibição de imagens ao vivo do Maracanã pelo mesmo ângulo. Era o início do segundo bloco, dedicado a fazer com que o planeta se sentisse “bem-vindo”.

A sustentabilidade também esteve presente no segmento, com a transformação do símbolo da paz em uma árvore, indicando que a humanidade deve buscar uma pacificação com o próprio meio ambiente. O ícone foi desenvolvido pelo cartunista Ziraldo, criador do Menino Maluquinho e pai de Daniela Thomas. Logo depois, o presidente do COI, Thomas Bach, foi apresentado ao público de sua posição na tribuna de honra do Maracanã. O momento foi sucedido pela interpretação do Hino Nacional do Brasil. A letra, que exalta o país “gigante pela própria natureza”, foi cantada por Paulinho da Viola.

O segmento seguinte foi batizado como “Pindorama: o nascimento da vida”. A dualidade sobre a descoberta do Brasil ter sido a invasão de Pindorama para os povos



originários foi explorada abertamente pela organização. O guia de mídia Comitê (2016, p. 14) destacou que os 13% do país atualmente ocupados por indígenas são também a sua porção mais preservada, evidenciando a relação entre o respeito aos nativos e o cuidado com o meio ambiente. Para Malanski (2019, p. 219), ficou manifestado que os organizadores apontaram o fiasco da modernidade como projeto em relação ao desenvolvimento sustentável e à tolerância entre as etnias.

As projeções e representações cenográficas foram inspiradas em elementos da cultura indígena, como as pinturas corporais e as ocas. A região amazônica foi representada com a presença de artistas envolvidos na organização do festival folclórico de Parintins, que Silva, Tricário e Pereira (2019, p. 528) relatam ser o palco anual do confronto entre os bois Garantido e Caprichoso há mais de meio século. Nominado como “geometrização”, o bloco posterior continuou a narrativa de formação do povo brasileiro, exibindo as chegadas das imigrações de africanos, árabes e orientais e os seus impactos para a economia nacional, como a expansão da agricultura, alterando a geometria das matas nativas para as plantações.

A transição do meio rural para o urbano foi concretizada no próximo segmento, chamado de “Metrópolis”. A construção do Brasil contemporâneo foi retratada com o surgimento das cidades. A projeção de edifícios gerou a ilusão de que existiam abismos reais, colocando em perigo os acrobatas e integrantes de grupos de *parkour* que se apresentaram. No mesmo bloco, o novo momento civilizacional do mundo foi resumido com uma de suas mais destacadas invenções: o avião. A bossa nova foi o elemento condutor do segmento seguinte, batizado com o nome do ritmo que internacionalizou a música brasileira, enquanto a cronologia avançou com os blocos subsequentes sendo dedicados ao pop brasileiro, ressaltando a musicalidade do país em suas combinações. O auge do momento foi com a interpretação de Jorge Bem Jor para País Tropical, música apresentada pelo Comitê (2016, p. 27) como o hino dançante do Brasil.

Encerrada a apresentação, foi o momento de falar sobre o “depois da festa”. Um menino entrou sozinho no gramado, perdido em um labirinto de torres espelhadas. Enquanto ele buscava a saída, um vídeo de quase dois minutos foi exibido para alertar o



planeta sobre como os impactos profundos na sustentação do equilíbrio da vida são causados pelo atual modo de vida da sociedade. A mensagem de que mudanças nos hábitos de vida e de consumo em prol da sustentabilidade são essenciais para o futuro foi alarmada com base em dados da *NASA*, a agência espacial dos Estados Unidos, que utilizou referências obtidas pela Missão Topográfica Radar Shuttle.

No clipe, foram destacados o aumento da concentração de dióxido de carbono no planeta, a consecutiva elevação das temperaturas e a consequente subida do nível do mar, com a água passando a invadir cidades litorâneas, como o próprio Rio de Janeiro, no futuro. A projeção foi uma maneira de demonstrar que os países subdesenvolvidos tendem a sofrer mais com as consequências do efeito estufa do que os países ricos, principais emissores dos gases.

O segmento seguinte, “uma ideia simples que ajuda muito”, foi iniciado com o garoto conseguindo escapar do labirinto ao encontrar uma flor que rompe o asfalto, tal qual a poetizada por Carlos Drummond de Andrade (2003). Nesse momento, o poema *A Flor e a Náusea* passa a ser interpretado alternadamente em português e inglês por, respectivamente, Fernanda Montenegro e Judi Dench. A narração é acompanhada por um novo clipe, que mostra o plantio de flores em diversas partes do mundo. O Comitê (2016, p. 30) afirma que a conservação ou o replantio das florestas é a maneira com maior rapidez, eficiência e escala para compensar as emissões dos principais gases causadores do efeito estufa.

A parada dos atletas, bloco posterior, ocupou sozinha praticamente metade da cerimônia. O espaço foi reservado ao desfile das delegações dos 205 países participantes, que no Rio tiveram a companhia dos times formados por atletas independentes e refugiados. As estrelas olímpicas presentes foram batizadas pelo Comitê (2016, p. 32) como “os plantadores do mundo”. Cada esportista recebeu uma semente e um tubete com substrato para semear uma árvore brasileira nativa, indicando ao mundo a diversidade florestal do país. Foi a primeira vez na história em que os atletas participaram de uma ação nesse momento da cerimônia. A promessa feita globalmente foi de que as sementes



seriam plantadas em um parque do Rio de Janeiro, o que não se concretizou nos anos imediatamente seguintes ao megaevento.

Conforme a tradição, o desfile foi aberto pela delegação grega e encerrado pela anfitriã. No caso, a do Brasil, que contou com a presença de cerca de 180 dos seus 465 atletas. O segmento foi encerrado com a formação dos anéis olímpicos, surgidos através dos espelhos em que os atletas depositaram os tubetes. De forma inédita, os cinco aros foram verdes, indicando que o plantio de florestas deve ser espalhado por todos os continentes.

Naquela altura, veículos tradicionais de todo o planeta que realizavam comentários em tempo real sobre o espetáculo já destacavam as mensagens da cerimônia de maneira positiva, com o prevalecimento de uma narrativa valorizadora, conforme Carneiro (2021). No Reino Unido, o The Guardian ressaltou o que viu como “contraste interessante” na comparação com as aberturas anteriores. Habitualmente mais crítico, como relata Vieira (2017, p. 140), o veículo lembrou que Pequim 2008 versou sobre a grandeza em ascensão da China, enquanto Londres 2012 falou sobre o passado glorioso dos britânicos. Já no Rio, “o assunto desta noite? É melhor começarmos a fazer algo sobre o meio ambiente ou talvez não teremos muitas Olimpíadas para celebrar no futuro”, refletiu. Na França, o Le Figaro exaltou a “oportunidade de discutir o problema do desmatamento da Amazônia”. A temática ecoou pelo mundo também nas manchetes do dia seguinte, como no estadunidense Marin Independent Journal, da Califórnia. O jornal elegeu a mistura da festa com as preocupações globais como a principal chamada sobre a cerimônia. Para Mascarenhas e Oliveira (2018, p. 6), a repercussão elogiosa foi uma coroação da agenda ambiental.

Os segmentos seguintes cumpriram dois dos momentos mais tradicionais do protocolo dos Jogos. Na declaração de abertura, o presidente em exercício Michel Temer não foi exibido nos telões do Maracanã. Logo depois, os apupos direcionados ao político foram abafados pelos fogos de artifício que antecederam a chegada da bandeira olímpica. Os carregadores do pavilhão escolhidos pelo comitê organizador foram os esportistas Oscar Schmidt (basquete), Sandra Pires e Emanuel Rego (vôlei de praia), Torben Grael



(vela), Joaquim Cruz (atletismo) e Marta Silva (futebol), além da ex-presidente do Supremo Tribunal Federal Ellen Gracie e da médica Rosa Celia Pimentel, que representaram a sociedade civil.

O próximo bloco marcou a apresentação do Hino Olímpico, cantado em coro por quarenta crianças integrantes do projeto social More, sediado em Niterói. No segmento posterior, foram realizados os juramentos. Em nome dos atletas, o bicampeão olímpico Robert Scheidt (vela) declarou o seu compromisso contra o *doping* “dentro do verdadeiro espírito esportivo”. Representando os árbitros, Martinho Nobre (atletismo) prometeu “total imparcialidade”, respeitando e cumprindo as normas que regem os esportes. Os treinadores foram simbolizados por Adriana Santos (basquete), que pactuou o asseguração do espírito do jogo justo.

Então, veio a “apoteose”. É assim que foi batizado o derradeiro bloco artístico, dedicado a passar a mensagem de celebração da energia brasileira. Para que o momento fosse ainda mais “um pouquinho de Brasil”, como versa a letra de Sandália de Prata, canção de Ary Barroso interpretada por Caetano Veloso, Gilberto Gil e Anitta, as baterias das doze escolas de samba do grupo especial do Carnaval do Rio de Janeiro (Mangueira, Unidos da Tijuca, Portela, Salgueiro, Beija-Flor, Imperatriz Leopoldinense, Grande Rio, Vila Isabel, São Clemente, Mocidade, União da Ilha e Paraíso do Tuiuti) entraram no Maracanã pela mesma passarela que minutos antes havia sido utilizada na parada dos atletas.

Após o público ser “do Brasil que canta e é feliz”, a cerimônia chegou ao seu auge: “a pira”. Marcando o fim da festa inaugural dos Jogos e do trajeto da chama olímpica pelo país, o fogo sagrado que o Comitê (2016, p. 40) conta ter sido originalmente roubado por Prometeu do Monte Olimpo para presentear a humanidade surgiu no Maracanã nas mãos de Gustavo Kuerten, tricampeão do torneio de tênis de Roland Garros. Ele foi recebido pelo estádio aos gritos de “Guga”, apelido que o acompanhou durante a carreira nas quadras. O tenista passou a tocha para a campeã mundial de basquete Hortência Marcari.



A condução final da tocha até a pira olímpica coube a Vanderlei Cordeiro de Lima, “um nome acima da cor das medalhas” no apontamento da transmissão de Galvão Bueno na TV Globo. Menos conhecido do público internacional do que outros cotados para a função, como o tricampeão mundial de futebol Pelé, o maratonista teve a sua história replicada instantaneamente em diversos veículos ao redor do planeta.

O atleta homenageado com a medalha Pierre de Coubertin teve a missão de acender uma pira mais ecológica do que as apresentadas nas edições anteriores dos Jogos Olímpicos, buscando contemplar o desafio de redução da queima de gases poluentes. A pequena chama foi emoldurada por uma escultura cinética do artista plástico estadunidense Anthony Howe, que Mascarenhas e Oliveira (2018, p. 7) contam ter representado o Sol em sua forma e a vida em seu movimento.

A sustentabilidade já havia guiado o desenvolvimento da tocha, fruto de um projeto desenhado pela consultoria Chelles & Hayashi. Produzida com alumínio reciclado e resina, cada unidade pesava pouco mais de um quilograma, com altura variável entre 63,5 centímetros quando fechada e 69 centímetros quando aberta. A natureza brasileira esteve representada no objeto com traços lembrando as montanhas e os mares do país.

Como tradicionalmente acontece, a chama foi inicialmente acesa na cidade grega de Olímpia utilizando a luz solar. O bicampeão olímpico de vôlei Giovane Gávio foi o primeiro brasileiro a conduzir a tocha da Olimpíada de 2016. Payne (2006, p. 138) conta que a chama está no centro do simbolismo olímpico, sendo historicamente vista como poderosa e sagrada. O trajeto interno no país foi iniciado em 3 de maio, com Brasília como a primeira parada do fogo sagrado dos Jogos.

Ao todo, a tocha percorreu mais de trezentas cidades brasileiras, em uma jornada que superou trinta mil quilômetros quando somados os trechos por via terrestre e aérea ao longo dos 95 dias que antecederam a cerimônia de abertura da Rio 2016. A rota contemplou especialmente a natureza do país, passando pelo arquipélago de Fernando de Noronha e pelas Cataratas do Iguaçu, entre outras localidades. Foram cerca de doze mil condutores, com o percurso de cada um sendo feito em trechos de aproximadamente duzentos metros. Eles foram selecionados através de indicações dos governos locais e dos



patrocinadores (Bradesco, Nissan e Coca-Cola), que realizaram ações na internet para a escolha de nomes que exercessem papéis relevantes em suas comunidades. Para Payne (2006, p. 139), a chama funciona como “uma varinha mágica dos Jogos”, transformando o seu portador em um representante da mensagem olímpica, ao mesmo tempo em que eleva a sua comunidade ao patamar de centro temporário do mundo.

O acendimento da pira ocupou as primeiras páginas de diversos veículos impressos, como o gaúcho Jornal VS, de São Leopoldo. A publicação estampou a imagem de Vanderlei como a representação do lema olímpico (*citius, altius, fortius*). A alegria da festa, registrada pelas primeiras páginas ao redor do mundo, foi constatada também pelos gritos do público presente no Maracanã sobre o orgulho e o amor pela brasilidade após a derradeira queima de fogos realizada.

Durante a Rio 2016, uma pira olímpica externa foi acesa pela primeira vez na história dos Jogos de Verão. O acendimento ocorreu logo depois da cerimônia de abertura pelo jovem Jorge Gomes, atleta da equipe da Vila Olímpica da Mangueira, então com 14 anos. A escultura posicionada diante da Igreja da Candelária se transformou em um dos principais pontos populares para fotos durante a Olimpíada, consagrando o sucesso da região batizada popularmente como Boulevard Olímpico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dimensão da pauta ambiental na cerimônia foi tão significativa que o Observatório do Clima publicou uma nota destacando que a festa olímpica foi capaz de finalmente transformar o aquecimento global em um fenômeno percebido mundialmente, ressaltando que a mensagem transmitida sintetizou os alertas dos cientistas ao longo das duas décadas anteriores⁵.

⁵ A coalizão de organizações da sociedade civil para discussão sobre as mudanças climáticas ressaltou ainda o rigor científico das projeções dos organizadores também. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/olimpiada-enfim-traz-clima-para-as-massas/>. Acesso em: 11 jun. 2023.



Os valores sustentáveis estiveram presentes em mais da metade da cerimônia (52%) de acordo com a contabilização realizada por Félix (2023, p. 100). Em um terço dos casos, agregados ao olimpismo, o que foi visto em momentos como o acendimento da pira olímpica projetada de maneira ecológica. A sustentabilidade também compartilhou espaços com outros valores, como a brasilidade e a diversidade, o que foi observado na parada dos atletas e nos momentos em que foi narrada a formação da população do país.

Ao optar pela sustentabilidade como pauta destacada em um espetáculo visto por todos os continentes, o Brasil assumiu o protagonismo da narrativa global em defesa do meio ambiente, sendo exitoso em equilibrar a valorização da sua própria natureza com a liderança global que deseja exercer na temática, conseguindo exercer um efetivo *soft power* que aumentou a visibilidade do seu conceito favorável à preservação como uma meta de todo o mundo e construindo paralelamente uma imagem positiva perante os países parceiros no sistema internacional, conforme Castro, Mendonça e Grohmann (2020) preconizam.

A integração da temática sustentável com múltiplos aspectos da vida do país, como a brasilidade e a diversidade, permitiu que se tornasse mais compreensível ao público a presença do meio ambiente como elemento contínuo da identidade brasileira, conseguindo contemplar harmonicamente as referências locais do Rio de Janeiro, as observações nacionalizadas e as mensagens universais.

A análise dos segmentos do espetáculo e da subsequente repercussão obtida pelo conjunto deles nos veículos midiáticos indica que o planejamento dos organizadores foi concretizado com sucesso, situação permitida pelo embasamento científico aliado ao programa artístico, com a consultoria dos pesquisadores Paulo Artaxo e Tasso Azevedo. Para a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, a abertura olímpica da Rio 2016 tratou-se da maior iniciativa de divulgação científica já vista pela humanidade⁶.

⁶ A afirmação se baseou na estimativa de uma plateia global de três bilhões de espectadores para o evento. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/rio-2016-opening-highlighted-brazils-participation-in-global-science/23767/>. Acesso em: 20 jul. 2024.



4 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara, 2007.

CAMPOY, Rafael. **Diálogos entre design e cultura**: marca olímpica Rio 2016. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura). São Paulo: Mackenzie, 2018.

CARNEIRO, Juliana. **A cerimônia de abertura dos Jogos Rio 2016**: uma análise sobre os atributos da brasilidade. In: XVII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador, 2021.

CASTRO, Henrique Carlos de Oliveira de; MENDONÇA, Carla; GROHMANN, Luis Gustavo Mello. Megaeventos esportivos no Brasil: entre o soft power e a política. In: **Revista Relações Internacionais no Mundo Atual**, v. 4, n. 29. Curitiba: UniCuritiba, 2020.

COMITÊ DE CANDIDATURA RIO 2016. **Dossiê de candidatura do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016**. Rio de Janeiro, 2009.

COMITÊ ORGANIZADOR DOS JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS DE 2016. **Media guide** – cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Rio de Janeiro, 2016.

COSTA, Luciana Miranda. A formação do campo ambiental: um resgate histórico do contexto nacional e amazônico. In: **Tempo da Ciência**, v. 12, n. 23. Cascavel: UNOESTE, 2005.

FÉLIX, Lucas Rodrigues. **Abençoado por Deus e bonito por natureza**: a imagem sustentável do Brasil na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Monografia (Comunicação Social - Audiovisual). Natal: UFRN, 2023.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006.

LUHMANN, Niklas. A Realidade dos Meios de Comunicação. São Paulo: **Paulus**, 2005.

MALANSKI, Daniel. As narrativas sobre os indígenas brasileiros nos megaeventos mundiais do século XXI. In: **Extraprensa**, v. 13, n. 1. São Paulo: USP, 2019.



MARQUES, José Moreira. **Mascotes olímpicos**: interdisciplinaridade entre esporte e cultura. Dissertação (Educação, Arte e História da Cultura). São Paulo: Mackenzie, 2015.

MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. Crise olímpica, crise ambiental. In: **Mercator**, v. 17. Fortaleza: UFC, 2018.

MELLO, Regina Lara Silveira; CAMPOY, Rafael. Marca Rio 2016: o design como legado olímpico. In: **Revista Trama Interdisciplinar**, v. 8, n. 3. São Paulo: Mackenzie, 2017.

PAYNE, Michael. **A virada olímpica**: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

ROCHA, Glauter. **A economia dos Jogos Rio 2016**: bastidores e primeiros impactos. Brasília: IPEA, 2017.

RUBIO, Katia. **O Atleta e o Mito do Herói**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SILVA, Bruno de Oliveira da; TRICÁRIO, Luciano Torres; PEREIRA, Yara Christina Cesário. O desvelar simbólico da identidade nacional na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016. In: **Razón y Palabra**, v. 23, n. 105. Quito: PUCE, 2019.

VIEIRA, Maria Clara Nicolau. **O Brasil nas palavras deles**: a cobertura jornalística de correspondentes estrangeiros em tempos de megaeventos esportivos no país. Dissertação (Ciências da Comunicação). São Paulo: USP, 2017.

WEISSHEIMER, Maria da Glória. **Rio 2016 e As Três Graças**: as muitas faces em uma mesma imagem. In: *Maiêutica*, v. 1, n. 1. Indaial: UNIASSELVI, 2013.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2001.